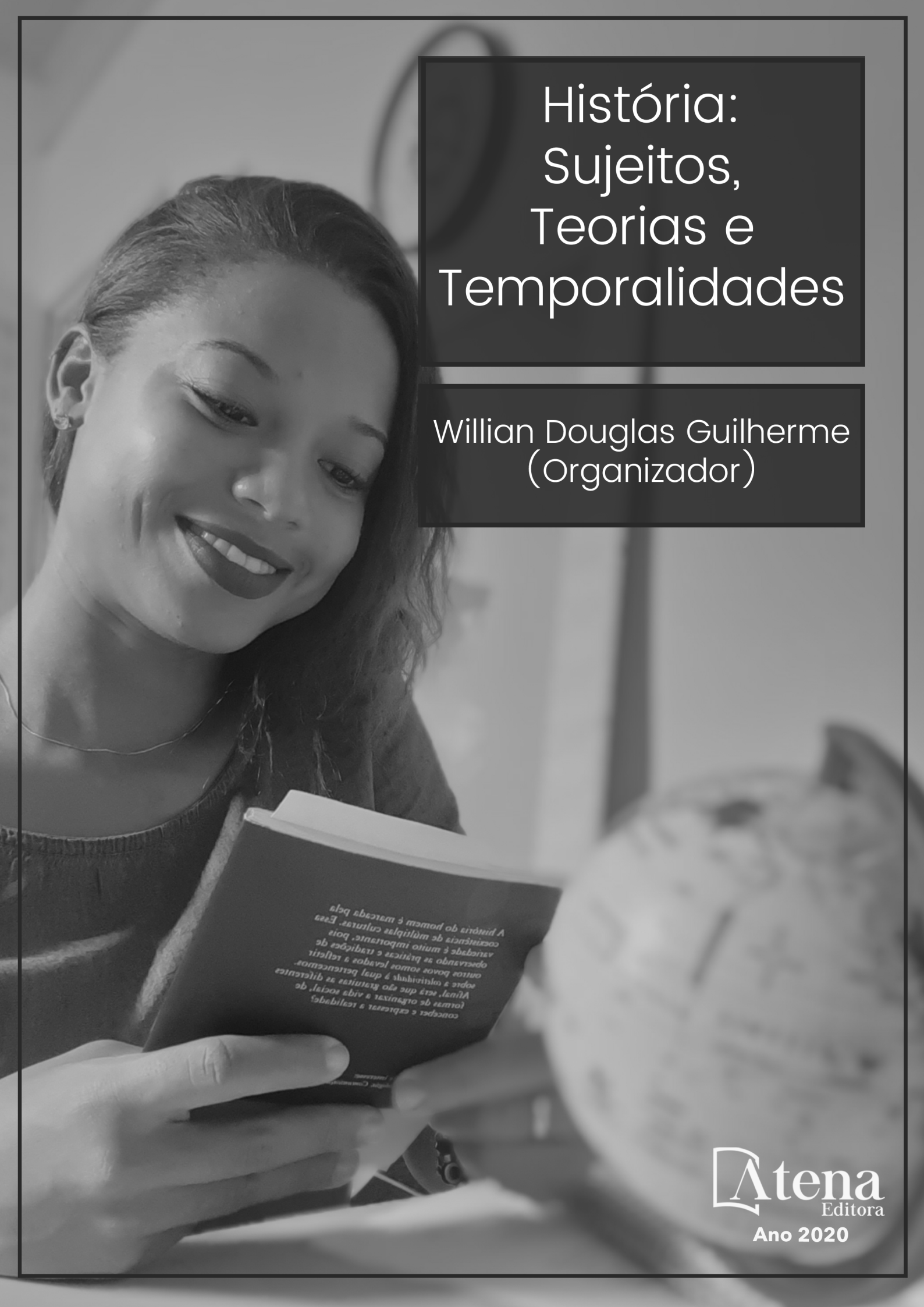


# História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)

A história do homem é marcada pela  
consciência de múltiplas culturas. Essa  
avaliação é muito importante, pois  
operando as bases e tradições de  
outros povos, somos levados a refletir  
sobre a construção de uma identidade  
única, que não exclua as diferenças  
locais de organizar a vida social, de  
conceber e explicar a realidade.

**Atena**  
Editora  
Ano 2020



# História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
H673	<p>História [recurso eletrônico] : sujeitos, teorias e temporalidades /            Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR:            Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF            Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader            Modo de acesso: World Wide Web            Inclui bibliografia.            ISBN 978-65-5706-154-1            DOI 10.22533/at.ed.541200107</p> <p>1. História – Pesquisa – Brasil. 2. Historiografia. I. Guilherme,            Willian Douglas.</p> <p style="text-align: right;">CDD 907.2</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

No e-book “História Sujeitos, Teorias e Temporalidades”, foram reunidos quinze artigos que fazem um debate historiográfico em torno dos sujeitos, teorias e temporalidades. Os artigos foram dispostos em cinco grupos.

No grupo um, são três artigos. O primeiro, trazendo um novo olhar sobre a colonização da então capitania de Minas Gerais no século XVIII. O segundo, discute a Lei de Terras em 1850, transitando entre as famílias ricas e pobres. O terceiro, fala sobre o movimento integracionista europeu a partir da segunda metade do século XX.

No grupo dois, os artigos discutem o sofrimento em Nietzsche, o sujeito moderno em Voltaire e o papel da memória como fonte para a história.

No terceiro grupo, são quatro artigos. O primeiro apresenta a investigação baseada na obra de Gustavo Barroso e propõe um estudo dos termos patriotismo e nacionalismo. O segundo texto traz uma reflexão sobre educação patrimonial tendo como su eito, inusitadamente, o Exército Brasileiro. O terceiro, ressalta a atuação do ex-Senador Eduardo Suplicy com referência aos temas cidadania e Programa de Garantia de Renda Mínima. Por fim, são trazidas as influências sofridas por Sérgio Buarque de Holanda em parte de suas obras.

Para o quarto grupo iniciamos com um estudo baseado nos diários de campo de Frederick Starr em suas viagens comerciais ao Congo nos anos de 1905 e 1906. Seguimos com um interessante estudo que entrelaça religiosidade e Marco (Colonial) de Touros, de 1501, localizado no Rio Grande do Norte. Fechando este grupo, um estudo de caso realizado entre os anos de 2012 e 2014, na cidade Cachoeira da Serra/PA, demonstrando o avanço da “contra-reforma-agrária” sobre a Amazônia.

O quinto grupo fechamos com dois artigos. Iniciando com um texto provocante sobre os lugares de sociabilidade em Recife na segunda metade do século XIX. E fechando o quinto grupo e a obra, é apresentada a Companhia Têxtil Brasil Industrial, então localizada na cidade de Paracambi/RJ e sua importância para a história da cidade e do Brasil.

Desejo boa leitura a todos!

Willian Douglas Guilherme

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A FACE OCULTA DA COLONIZAÇÃO: MEDIDAS DE CONTENÇÃO À MISCIGENAÇÃO NA CAPITANIA DE MINAS GERAIS (1719-1732)	
<a href="#">Hilton César de Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5412001071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
A LEI DE TERRAS DE 1850 NO CENTRO DA DISCUSSÃO: UM ELO COERCITIVO SOBRE AS FAMÍLIAS LIVRES E POBRES	
<a href="#">Leandro Neves Diniz</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5412001072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>23</b>
A INTEGRAÇÃO EM DISPUTA: MOVIMENTO HISTÓRICO E PERSPECTIVAS SOBRE O PROCESSO INTEGRACIONISTA EUROPEU	
<a href="#">Daniel Wanderley Caliman</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5412001073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>35</b>
O PROBLEMA DO SOFRIMENTO EM NIETZSCHE	
<a href="#">Gabriela Ferraz Costa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5412001074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>49</b>
O SUJEITO MODERNO EM VOLTAIRE	
<a href="#">Dagmar Manieri</a>	
<a href="#">Elias Rocha Rodrigues</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5412001075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>58</b>
TEMPO, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO: REFLEXÕES SOBRE AIMÉ BOMPLAND	
<a href="#">Alessandra da Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5412001076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>64</b>
PERSONIFICAR A NAÇÃO – NARRATIVA HISTÓRICA E ESCRITA BIOGRÁFICA EM GUSTAVO BARROSO	
<a href="#">Erika Morais Cerqueira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5412001077</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>74</b>
REFLEXÕES SOBRE OS LUGARES DE MEMÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: AS INICIATIVAS DO EXÉRCITO BRASILEIRO	
<a href="#">Ivan de Freitas Vasconcelos Junior</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5412001078</b>	



<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>86</b>
A CIDADANIA E O PROGRAMA DE GARANTIA DE RENDA MÍNIMA: AS IDEIAS DO SENADOR INTELECTUAL EDUARDO SUPLICY (1990-2006)	
<a href="#">Glauber Eduardo Ribeiro Cruz</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5412001079</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>96</b>
SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: ENTRE O HISTORICISMO ALEMÃO E OS ANNALES	
<a href="#">André Augusto Abreu Villela</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54120010710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>113</b>
COMÉRCIO, CONHECIMENTO E CULTURA: AS SOCIEDADES CENTRO-AFRICANAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX A PARTIR DOS TESTEMUNHOS DE FREDERICK STARR	
<a href="#">Paulo Roberto Firmino Marques</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54120010711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>126</b>
O MARCO DE TOUROS: UM SÍMBOLO DA RELIGIOSIDADE POPULAR	
<a href="#">José Willians Simplício da Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54120010712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>141</b>
TERRITORIALIDADE, IDENTIDADE E CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS NO SUDOESTE PARAENSE	
<a href="#">Karina Andréa Tarca</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54120010713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>154</b>
RESTAURANTES E CAFÉS: OS LUGARES DE SOCIABILIDADES E GASTRONOMIA NO RECIFE DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX	
<a href="#">Eliza Brito Santos</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54120010714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>167</b>
UMA PROPOSTA PARA A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DA <i>COMPANHIA TÊXTIL BRASIL INDUSTRIAL</i> EM PARACAMBI - RJ	
<a href="#">Angelissa Tatyane de Azevedo Silva</a>	
<a href="#">Davi Pereira Romeiro Neto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54120010715</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>184</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>185</b>

## O PROBLEMA DO SOFRIMENTO EM NIETZSCHE

*Data de aceite: 01/06/2020*

*Data Submissão: 23/03/2020*

### **Gabriela Ferraz Costa**

Graduação Universidade de São Paulo,  
Departamento de Filosofia  
São Paulo – SP  
<http://lattes.cnpq.br/4071996907352761>

**RESUMO:** O trabalho irá procurar compreender porque a “vontade de nada” seria um elemento central do niilismo da fraqueza e como o “nada querer” superaria o nojo da existência através da vontade de destino (Lowith, 1969). A vontade de nada seria fruto do problema do sofrimento (Reginster, 2006) em que a vida passa a ser condenada porque a dor é entendida como algo indesejado. Assim a superação da vontade de nada somente será possível através de uma reinterpretação do sofrimento que deve deixar de ser entendido como uma mazela. A reavaliação do sofrimento se dará dentro do quadro da vontade de potência, em que dor e prazer passam a ser inseparáveis, já que o deleite passará a depender de uma superação de resistências. Estas resistências, por sua vez, geram sofrimento ao indivíduo, de forma

que a vontade de potência, ao afirmar a vida e o poder, irá indiretamente exaltar a dor e o sofrimento. Neste sentido a vontade de nada deverá ser substituída pela vontade de poder em que o indivíduo desagua a sua força no mundo, já que não teme mais as resistências que a sua vontade possa encontrar. A vontade de potência irá fazer uma releitura do desejo, superando a concepção de que os anseios seriam fruto de uma privação, para encará-los como produto do contentamento (Birault, 1967). No limite o bem-estar que norteia os desejos desemboca em um nada querer no qual o indivíduo aceita o destino tal como ele se manifesta. Para Giacóia (2013) os indivíduos fisiologicamente exuberantes seriam os únicos capazes de amar as condições positivas e negativas da vida, porque não operariam dentro do regime do ressentimento, mas sim sob a tutela da gratidão.

**PALAVRAS-CHAVE:** ideal ascético, vontade de nada, nada querer, sofrimento, vontade de potência.

### THE PROBLEM OF SUFFERING IN NIETZSCHE'S PHILOSOPHY

**ABSTRACT:** The project aims at analyzing how the ‘will to nothing’ is a central element of

the nihilism of weakness and how the 'lack of will' overcomes the dissatisfaction with life through the 'will to destiny' (Lowith, 1969). The 'will to nothing' is a byproduct of the problem of suffering in Nietzsche's philosophy (Reginster, 2006) in which life is condemned because pain is understood as an inconvenience. Therefore, the 'will to nothing' will be overcome by a reinterpretation of suffering under the scope of will to power in which pain and pleasure will become intermingled due to the fact that joy will depend on the overcoming of resistance. The close association between pain and pleasure is due to the fact that resistance in general produces pain and because in the will to power pleasure depends on the overcoming of resistance, pain will be praised. The ascetic 'will to nothing' must be substituted by the will to power in which the aggressive instincts of the individual is discharged into the world, because there isn't a condemnation of the resistance the will might find. The will to power will reinterpret volition, overcoming the Schopenhauerian comprehension that the will is a consequence of a lack. In a Nietzschean point of view, volition will be associated with contentment and joy leading to a lack of will in which individuals accepts destiny as it is (Birault, 1967). However only the strong individuals will be able to love the positive and negative conditions of life, because they escape resentment by gratitude (Giacóia 2013).

**KEYWORDS:** ascetism, will to nothing, lack of will, suffering and will to power.

## 1 | INTRODUÇÃO

Nietzsche coloca no *Crepúsculo dos Ídolos* (2012, p. 15) “ em todos os tempos, os homens mais sábios fizeram o mesmo julgamento da vida: ela não vale nada... Sempre, em toda parte, ouviu-se de sua boca o mesmo tom — um tom cheio de dúvida, de melancolia, de cansaço da vida, de resistência à vida.” Para o filósofo a interpretação de que a vida seria uma ‘colônia penitenciária’ não é um fato evidente em si mesmo, mas sim fruto de uma análise feita por indivíduos debilitados que enfrentam dificuldades para subsistir. Conforme a *Genealogia da Moral* (Nietzsche, 1998, p.118) “(...) a natureza pecaminosa do homem não é um fato, mas apenas a interpretação de um fato, ou seja, uma má disposição fisiológica – vista sob uma perspectiva moral-religiosa que nada mais tem de imperativo. – Que alguém se *sinta* ‘culpado’, ‘pecador’, não demonstra absolutamente que tenha razão para sentir-se assim (...)”. A adversidade enfrentada por estes seres decadentes fez com que rendessem homenagem ao ideal ascético, porque este teria sido capaz de dar sentido para o desgosto enfrentado por estas criaturas, aliviando a sua tendência ao suicídio.

Neste sentido o ascetismo foi uma forma de preservar a vida dos enfermos, já que colocaria condições mais propícias de existência para estes seres que buscam a quietude, devido a uma escassez de força para agir. Ao buscar a quietude e a resignação, o ideal ascético condena qualquer demonstração de vontade por parte do indivíduo, já que a libertação estaria associada com o apaziguamento da vontade. Conforme a *Genealogia da Moral* (Nietzsche, 1998, p. 95) “e para voltar à nossa primeira questão, que significa um

filósofo render homenagem ao ideal ascético?, eis aqui ao menos uma primeira indicação: ele quer livrar-se de uma tortura.” Esta tortura seria justamente a excitação da vontade que deve ser apaziguada, de modo que o indivíduo possa supostamente encontrar a beatitude.

Para Nietzsche a resignação não levaria ao bem-estar, mas sim a domesticação do sujeito através de uma obstrução da sua força. O exercício da vontade é o que faz os homens serem temíveis e fortes, algo que o ascetismo quer evitar através do quietismo e da condenação da força. Ao condenar os aspectos que levariam ao fortalecimento da humanidade, o ascetismo alastra a compaixão e o nojo ao homem, engendrando o que Lowith (1969) chama de niilismo da fraqueza em que o ser humano passa a ter repulsa pelas condições que permitiriam afirmar a sua existência. Conforme a Genealogia da Moral (Nietzsche, 1998, p. 35) “(...) junto com o temor do homem, perdemos também o amor a ele, a reverência por ele, a esperança em torno dele, e mesmo a vontade de que ele exista. A visão do homem agora cansa – o que é hoje o niilismo, se não isto?... Estamos *cansados* do homem...”

A Terceira Dissertação da Genealogia da Moral faz uma crítica ao ideal ascético, colocando que o ascetismo foi unânime até o momento, porque teria sido o único capaz de dar sentido para o sofrimento, de forma a combater a depressão inerente aos decadentes. Neste sentido a moral ascética foi capaz de refrear a tendência para a autodestruição do indivíduo enfermo, ao colocar o sofrimento sob a perspectiva da culpa, de modo a preservar a vontade no animal homem. O ponto é que o ser humano não nega o sofrer, mas sim a ausência de resposta do porquê se sofre, conforme a Genealogia da Moral (1998, p. 148):

“O ideal ascético significa precisamente isto: que algo faltava, que a monstruosa lacuna circundava o homem – ele não sabia justificar, explicar, afirmar a si mesmo, ele sofria do problema do seu sentido. Ele sofria também de outras coisas, era sobretudo um animal doente: mas o seu problema não era o sofrer mesmo, e sim que lhe faltasse a resposta para o clamor da pergunta “para que sofrer?” (...) A falta de sentido do sofrer, não o sofrer, era a maldição que até então se estendia sobre a humanidade – e o ideal ascético lhe ofereceu um sentido!”

Para Nietzsche o sofrimento seria fruto de um empobrecimento fisiológico, que adquire o aspecto de ser um fenômeno psicológico, por conta de uma perspectiva religiosa que transforma o sofredor em pecador. Neste sentido a religião não fornece uma cura para a miséria, porque o tratamento não perpassa pela fisiologia do sujeito, que para o filósofo seria a verdadeira fonte da insatisfação com a vida. Desta forma o ideal ascético seria simplesmente um tipo de narcótico, que visa fazer com que o indivíduo tolere e deseje o sofrimento como forma de expiar a sua culpa. A transformação do desgraçado em pecador oferece um sentido para o sofrimento, porque faz com que o sujeito encontre um responsável pela dor. O suposto causador da injúria será atacado pelo desgraçado como forma de desaguar o seu ressentimento e produzir um alívio temporário. A inovação

do ideal ascético reside no fato que ele internaliza a agressividade do indivíduo ao fazer com que o próprio infeliz seja o responsável pela sua aflição. Ao interpretar a dor desta maneira o ideal ascético acaba fazendo com que o indivíduo passe a tirar prazer no seu martírio, desembocando em um masoquismo moral (Freud, 1995).

O que caracteriza o masoquismo moral seria a culpa inconsciente, que faz com que o sujeito sinta o desejo de ser punido. A culpa seria produto da internalização da crueldade que faz com que os instintos agressivos que visam atuar sobre a realidade se voltem para o próprio indivíduo, de forma que a dominação deixe de se realizar no mundo para se efetivar no plano psíquico. Para Freud (1995) a origem do masoquismo estaria associada a uma insuficiência da libido que é incapaz de fazer com que os fins agressivos do instinto de morte sejam revertidos para o exterior. Assim no masoquismo, a crueldade do instinto de morte passa a ser desaguada no próprio sujeito, fazendo com que o mesmo sinta prazer em causar sofrimento a si mesmo. Assim como ocorre na análise freudiana, Nietzsche também conclui que se o instinto agressivo não for externalizado na forma de vontade de poder ele será internalizado, produzindo a culpa, no qual o sujeito lacera a si mesmo com a sua agressividade. De fato, a insuficiência da libido preconizada por Freud se assemelha a uma ausência de força fisiológica na interpretação nietzschiana, de forma que se pode colocar que o masoquismo moral seria fruto de uma situação doentia, em que existe uma exaustão por parte do organismo. Conforme a Genealogia da Moral (Nietzsche, 1998, p. 80):

“Já terão adivinhado o que realmente se passou com tudo isso, e sob tudo isso: essa vontade de se torturar, essa crueldade reprimida do bicho-homem interiorizado, acuado dentro de si mesmo, aprisionado no ‘Estado’ para fins de domesticação, que inventou a má consciência para se fazer mal, depois que a saída mais natural para esse querer-fazer-mal fora bloqueada – esse homem da má consciência se apoderou da suposição religiosa para levar seu auto martírio à mais horrenda culminância.”

Em termos freudianos (1995), o ideal ascético faz com que o ego se torne masoquista e sempre requeira punição por parte de um superego sádico, que domina as outras estruturas que compõem a individualidade. Esta situação decorre de um meio civilizatório que impede que os instintos se manifestem de maneira adequada, gerando a domesticação do homem, que desemboca no niilismo da fraqueza (Lowith, 1969). Para Nietzsche, o fato de que a civilização busca reprimir certos instintos seria uma condenação dos pressupostos fisiológicos que permitem afirmar a vida.

A vontade de que haja um sentido para o sofrimento seria para Nietzsche uma vontade de nada que diz não à existência tal como ela se manifesta. A necessidade de que exista uma finalidade para a miséria nasce do ressentimento no qual o sujeito condena a dor inerente à vida, fazendo com que sinta repulsa pela existência. Conforme a Genealogia da Moral (Nietzsche, 1998, p. 149):

“(…) Não se pode em absoluto esconder o que expressa realmente todo esse querer que do ideal ascético recebe sua orientação: esse ódio ao que é humano, mais ainda ao

que é animal, mais ainda ao que é matéria, esse horror aos sentidos, à razão mesma, o medo da felicidade e da beleza, o anseio de afastar-se do que seja aparência, mudança, morte, devir, desejo, anseio – tudo isso significa, ousemos compreendê-lo, uma vontade de nada, uma aversão à vida, uma revolta contra os mais fundamentais pressupostos da vida, mas é e continua sendo uma *vontade!*”

Para Nietzsche o elemento central do ideal ascético é a condenação do sofrimento, de forma que a transvaloração dos valores deverá justamente reinterpretar a dor, fazendo com que seja um elemento constitutivo da felicidade. Neste sentido o ideal ascético se opõe à vontade de potência, porque o segundo almeja desaguar a força que existe no interior do indivíduo de forma a superar resistências. A expansão da força sempre provoca oposição que, por sua vez, engendra dor e sofrimento, que ao serem superadas fazem com que o indivíduo sinta prazer. É justamente a interrelação entre dor e gozo que é incompreensível ao ideal ascético, justificando a sua recomendação de internalização do desejo de dominação. Neste sentido a vontade de poder deve reverter o masoquismo moral ao defender um desaguardamento da força, de forma a estabelecer uma relação de mando com o mundo.

Ao fazer com que a externalização da crueldade seja um empreendimento voluntário, a execução do poder passaria a ser algo condenável, já que o sujeito teria a capacidade de não executar uma determinada ação. Isso, por sua vez, desemboca em uma exaltação da renúncia tal como ocorre na filosofia de Schopenhauer (1960) no qual o apaziguamento da vontade será apresentado como o caminho para libertar o ser humano do sofrimento inerente à existência. O que regeria tal análise seria a leitura de que a vontade teria como origem um estado de privação e de falta, fazendo com que houvesse uma equiparação entre sofrimento e desejo que será criticada por Nietzsche através do nada querer. Na Genealogia da Moral, o filósofo deseja mostrar que a renúncia de Schopenhauer não pode ser considerada uma ausência de vontade, porque de fato seria uma manifestação da vontade de nada, já que o desejo oculto que move a resignação seria a busca pelo estado de nirvana, ou, de quietude.

Neste ponto cabe retomar Freud para elucidar a crítica que Nietzsche fará a Schopenhauer. Conforme o pai da psicanálise (1996), a vida nervosa dos indivíduos seria regida por um princípio de nirvana que faz com que os sujeitos constantemente busquem remover ou reduzir a tensão interna e externa, de forma a atingir a estabilidade. A busca pelo estado de nirvana seria o responsável por associar respectivamente: i) o prazer com a redução da excitação psíquica e ii) o descontentamento com o aumento dos estímulos (Freud, 1996). O princípio de nirvana teria como o pressuposto o fato de que os seres vivos teriam uma tendência regressiva, porque constantemente almejavam retornar a um estado de maior tranquilidade, ou de quase-morte no qual prevalece uma sensação de segurança e de conforto. Neste sentido, a resignação de Schopenhauer não pode ser considerada uma ausência de vontade, porque estaria permeada pela vontade de nada em que se procura a ausência de dor, de tensão e de sofrimento (Birault, 1967).

Conforme Nietzsche para que de fato se processe um nada querer deve-se alterar a maneira como se entende a vontade que deve deixar de ter como origem uma falta ou privação, para se vincular com o bem-estar. Isso, por sua vez, levará a uma superação do elogio à renúncia de modo a permitir que os instintos agressivos e dominadores possam novamente desaguar sobre o ambiente externo. O sofrimento que surgiria da resistência à vontade deixaria de ser um malefício e passaria a ser um elemento constitutivo da felicidade. Assim ao colocar o contentamento como origem da vontade se desemboca no nada querer que se traduz em uma vontade de destino no qual o sujeito almeja que nenhum elemento de sua existência seja diferente do que é.

## 2 | VONTADE DE NADA

A vontade de nada apresentada na terceira dissertação da Genealogia da Moral remete à Dores do Mundo (Schopenhauer, 1960, p. 8) em que a vida é apresentada “como um episódio que perturba inutilmente a beatitude e o repouso no nada”. Esta interpretação faz com que o início do mundo seja fruto de uma falta que deve ser expiada para que se possa retornar a um estado de paz e de tranquilidade. Por conta disso o ideal ascético coloca que a existência seria resultado de um crime que deve ser purgado, porque conforme Dores do Mundo (Schopenhauer, 1960, p.9) “é a pesada culpa do mundo que causa os grandes e inúmeros sofrimentos a que somos votados; e entendemos esta relação no sentido metafísico e não no físico e empírico (...) Porque a nossa existência assemelha-se perfeitamente à consequência de uma falta e de um desejo culpado”. Para Schopenhauer o sofrimento seria a evidência de que o mundo seria fruto do erro e da culpa humana, de forma que a existência passa a ser encarada como uma ‘colônia penitenciária’, no qual o ser humano deve expiar a sua separação do uno original. Conforme a Genealogia da Moral (Nietzsche, 1998, p. 106), “o asceta trata a vida como um caminho errado, que se deve desandar até o ponto onde começa; ou como um erro que se refuta – que se deve refutar com a ação: pois ele exige que se vá com ele, e impõe aonde pode, a sua valoração da existência.”

Para o ideal ascético, os indivíduos seriam indigentes, já que o desejo estaria intimamente associado a uma privação, de forma que a vontade estaria estreitamente vinculada ao sofrimento. Conforme Dores do Mundo (Schopenhauer, 1960, p. 14) “querer é essencialmente sofrer, e como o viver é querer, toda a existência é essencialmente dor”, porque o desejo nasce de uma necessidade, ou seja, de um sofrimento. Em oposição a isso, Birault (1967) irá colocar que a filosofia dionisíaca de Zaratustra irá justamente rejeitar a perspectiva de que toda vontade nasce de uma privação e de uma necessidade, dissociando-a da privação e da miséria. Será justamente a vinculação da vontade à indigência que fará com que a libertação para Schopenhauer esteja relacionada à negação da vontade, principalmente da vontade de vida. O objetivo é fazer com que o

indivíduo experimente um repouso profundo que o livra da dor, conforme Dores do Mundo (Schopenhauer, 1960, p. 45):

“ O homem seduzido pela ilusão da vida individual, escravo do egoísmo, só vê as coisas que o tocam pessoalmente, e encontra aí motivos incessantemente renovados para desejar e querer; pelo contrário, aquele que penetra a essência das coisas, que domina o conjunto, chega ao repouso de todo o desejo e de todo o querer. Daí em diante a sua vontade desvia-se da vida, repele com susto os gozos que a perpetuam. O homem chega então ao estado da renúncia voluntária, da resignação, da tranquilidade verdadeira, e da ausência absoluta de vontade.”

O objetivo da resignação é fazer com que o indivíduo entre em um estado de paz inabalável que o permita fugir das torturas associadas ao desaguamento do desejo e da força. Conforme a Genealogia da Moral (Nietzsche, 1998, p.95) “e que *significa* um filósofo render homenagem ao ideal ascético? eis aqui ao menos uma primeira indicação: ele quer livrar-se de uma tortura”, esta tortura que deve ser extirpada pela renúncia será justamente o ‘trabalho forçado da vontade’. O intuito do ideal ascético é fazer com que o homem olhe com indiferença para o mundo e para a fortuna que o rege, porque o sentimento que o comanda é o desejo de ser e de estar em outras condições.

Para Nietzsche a renúncia não seria uma ausência de vontade tal como preconiza Schopenhauer, mas sim uma vontade de nada. Conforme a Genealogia da Moral (1998, p. 87) “ porém, no fato de o ideal ascético haver significado tanto para o homem se expressa o dado fundamental da vontade humana, o seu *horror vacui* [horror ao vácuo]: ele precisa de um objetivo – e preferirá querer o nada à nada querer.” Conforme Birault (1967) a valorização da quietude representa uma vontade de nada porque faz com que o indivíduo rejeite a vida em prol de um estado de estabilidade em que o homem descansa dentro da segurança ao blindar-se da fortuna. Conforme o comentador a beatitude teria como pano de fundo o desejo do indivíduo de dormir ou de morrer no eterno repouso.

A necessidade de atingir a quietude remete ao mal-estar presente em alguns seres humanos que questionam o que deve ser feito para que se deixe de sofrer com a vida (Birault, 1967) . A Genealogia da Moral (Nietzsche, 1998, p. 122) faz o seguinte comentário a respeito do quietismo:

“(...) para nós é pouco difícil permanecer sérios ante a estima em que o sono profundo é tido por esses cansados da vida (...) sono profundo entendido como ingresso no Brahma, como efetivação da *unio mystica* com Deus (...) o hipnótico sentimento do nada, o repouso no mais profundo sono, *ausência de sofrimento*, em suma – para os sofredores e profundamente desgraçados é licito enxergar nisso o bem supremo, o valor entre os valores, isto tem de ser considerado positivo por eles, sentido como positivo mesmo. (Segundo a mesma lógica do sentimento, em todas religiões pessimistas chama-se ao nada *Deus*.)”

Desta forma as religiões seriam filhas do sofrimento e do mal-estar e visam justamente interpretar a dor primitiva da vida sobre a perspectiva da culpa, com intuito de torná-la suportável. Conforme Nietzsche (1998, p. 129) o objetivo do ideal ascético era “despertar o homem de sua longa tristeza, pôr em fuga ao menos por instantes a sua surda dor,



sua vacilante miséria, e sempre sob a cobertura de uma interpretação e ‘justificação’ religiosa”. A justificação religiosa para o sofrimento permitiu que se salvasse um certo tipo de volição e que seria justamente a vontade de nada.

### 3 | O SENTIDO PARA O SOFRIMENTO

Conforme Leiter (2005) o objetivo do ideal ascético seria justamente dar um sentido ao sofrimento de forma a combater o niilismo suicida que assolava a humanidade. Conforme Nietzsche (1998, pg. 149):

“A falta de sentido do sofrer, não o sofrer, era a maldição que até então se estendia sobre a humanidade – e o ideal ascético lhe oferecia um sentido! Foi até agora o único sentido; qualquer sentido é melhor que nenhum (...) Nele o sofrimento era interpretado, a monstruosa lacuna parecia preenchida, a porta se fechava para todo niilismo suicida. A interpretação – não há dúvida - trouxe consigo novo sofrimento, mais profundo, mais íntimo, mais venenoso e nocivo à vida: colocou todo sofrimento sob a perspectiva da culpa (...)”

O ascetismo dá sentido à dor através do ressentimento e da culpa, fazendo uso destes elementos para preservar a vida dos indivíduos que degeneram. O ressentimento é fruto da incapacidade do ser humano de produzir uma resposta adequada para os estímulos externos desagradáveis, já que o indivíduo não tem controle sob as condições de sua existência (Leiter, 2005). Para o sujeito ressentido a determinação da causa do seu sofrimento será importante porque esta permitirá ao sofridor descarregar as suas emoções fortes de forma a anestesiar a dor e livrá-lo da depressão. Neste sentido a aflição somente será suportável se houver um culpado que seja capaz de receber a responsabilidade pelos danos causados. Entretanto somente haverá um culpado e uma descarga forte de emoção se houver um sentido para o sofrimento que permite identificar o responsável por uma certa situação (Leiter, 2005). Conforme a Genealogia da Moral (Nietzsche, 1998. p. 116):

“Pois todo sofridor busca instintivamente uma causa para o seu sofrimento; mais precisamente, um agente; ainda mais especificamente, um agente *culpado* suscetível de sofrimento – em suma, algo vivo, no qual possa sob algum pretexto descarregar seus afetos, em ato ou *in effigie*: pois a descarga do afeto é para o sofridor a maior tentativa de alívio (...)”

Por conta disso a ausência de sentido para o sofrimento será o maior problema para a humanidade, porque sem ele haverá um acúmulo de ressentimento que desaguará em um niilismo suicida.

O ideal ascético foi o único ideal que até o momento foi capaz de alterar a direção do ressentimento ao colocar que o próprio sofridor é o culpado pela sua situação, aplacando a tendência ao suicídio (Leiter, 2005). O indivíduo passará a ser o culpado pelos sofrimentos que enfrenta na vida terrena, porque supostamente teria alguma dívida para com a divindade, conforme a Genealogia da Moral (Nietzsche, 1998, p. 81):

“Uma dívida para com Deus: este instrumento tornou-se instrumento de suplício. Ele apreende em Deus as últimas antíteses que chega a encontrar para seus autênticos incomprimíveis instintos animais, ele interpreta esses instintos como culpa em relação à Deus (...) a vontade do homem de sentir-se culpado e desprezível, até ser impossível a expiação (...) Aqui há doença, sem qualquer dúvida, a mais terrível doença que jamais devastou o homem.”

A inovação do ideal ascético reside justamente no fato de que o sofredor passa a ser o objeto do seu próprio ressentimento. A meta é fazer com que a dor seja entendida como uma punição que possa levar a um estado de paz e de tranquilidade, mantendo os homens apegados à vida.

A vida passa a ser entendida como uma colônia penitenciária no qual o sujeito deve encarar as suas dores como uma punição por algum pecado cometido. Neste sentido o ideal ascético faz com que o sofredor se transforme em um pecador, conforme a Genealogia da Moral (Nietzsche, 1998, p. 129) “(...) a primeira indicação sobre a causa do seu sofrer: ele deve busca-la em si mesmo (...) o doente foi transformado em pecador (...) – para aonde quer que nos voltemos, em toda parte o olhar hipnótico do pecador, movendo-se sempre na mesma direção (na direção da “culpa”, como a única causa do sofrer).” Suportar a dor será importante para que o indivíduo possa ser recompensado com uma vida futura em que inexistente sofrimento, de forma que esta vida passará a ser entendida como uma ponte para uma outra existência melhor. Conforme a Genealogia da Moral (Nietzsche, 1998, p. 106):

“O pensamento em torno do qual aqui se peleja, é a valoração de nossa vida por parte dos sacerdotes ascéticos: esta (juntamente com aquilo a que pertence, ‘natureza’, ‘mundo’, toda a esfera do vir a ser e da transitoriedade) é por eles colocada em relação com uma existência inteiramente outra, a qual exclui e à qual se opõe, a menos que se volte contra si mesma, que negue a si mesma: neste caso, o caso de uma vida ascética, a vida vale como uma ponte para essa outra existência.”

Por conta disso o ideal ascético seria um instrumento que visa preservar a vida dos indivíduos debilitados, através de uma interpretação do sofrimento que possa mantê-los apegados à existência. Desta maneira deve-se rejeitar a leitura de que o ideal ascético se oporia à vida, porque de fato ele visa superar o niilismo suicida que assola os indivíduos debilitados (Leiter, 2005). Conforme a Genealogia da Moral (Nietzsche, 1998, p. 109):

“Está claro que uma contradição como a que se manifesta no asceta, ‘vida contra vida’, é considerada fisiologicamente, não mais psicologicamente, simplesmente um absurdo. (...) a realidade dos fatos: o ideal ascético nasce do instinto de cura e proteção de uma vida que degenera, a qual busca manter-se por todos os meios, e luta por sua existência; indica uma parcial inibição e exaustão fisiológica (...)”

#### 4 | DEBILITAÇÃO DA PSICOFISIOLOGIA

A forma como o indivíduo lida com a dor está associado com a sua psicofisiologia, de forma que o ressentimento é uma atitude que tipicamente nasce da exaustão (Giacóia,

2013). Segundo o comentador, Nietzsche divide os sofredores em dois tipos distintos: i) primeiro os fisiologicamente debilitados, que estariam cansados de sofrer e que buscariam a beatitude estabilizadora do ideal ascético e ii) segundo os fisiologicamente potentes que suportariam uma psicofisiologia do excesso, porque teriam a capacidade de exercer a sua força para realizar uma ‘modificação plástica da realidade’. No caso do indivíduo debilitado não existe força fisiológica para digerir as experiências, de modo que o sujeito acaba por se entregar ao desejo de nada, porque não seria capaz de interpretar e transfigurar o vivido. Desta forma o doente esgotado acaba por cair na tentação do ressentimento que o mantém preso na reação e que o inibe de processar novas vivências. (Giacóia, 2013).

Conforme Bataille (1985), Nietzsche faz uma oposição entre o registro do medo e o registro da felicidade, em que: i) no primeiro haveria um esforço para limitar os efeitos do tempo de modo a gerar estabilidade, enquanto que ii) no segundo busca-se as explosões e as mudanças presentes no interior da temporalidade. Estes dois estilos que regem a economia dos afetos, produzem dois tipos distintos de seres humanos: i) no primeiro existe a preferência pela tranquilidade e pela estabilidade enquanto que ii) no segundo haveria uma propensão para o combate. Conforme A Gaia Ciência (Nietzsche, 2000, p. 133):

“Qualquer arte, qualquer filosofia podem ser consideradas como remédios da vida, adjuvantes do crescimento ou bálsamos dos combates e postulam sempre sofrimento e sofredores. Mas estes últimos pertencem a duas espécies: para uns o sofrimento provém de uma superabundância da vida, reclamem uma arte dionisiaca, e querem, concreta ou abstrata, uma visão trágica da vida; os outros sofrem, pelo contrário, de um empobrecimento dessa vida; pedem à arte e ao conhecimento repouso, o silêncio, o mar calmo, o esquecimento de si (...)”

Para Bataille (1985) o que comanda a vida do indivíduo debilitado é o medo da destruição-criativa que rege o funcionamento do tempo de forma que o indivíduo precisa se proteger com a criação de uma vida após a morte aonde inexiste mudança. O indivíduo potente, por outro lado, aceita com amor tanto as mudanças favoráveis como negativas que o tempo possa implicar em sua vida, de forma que não precisa se refugiar em um nada que o proteja dos efeitos da temporalidade. Para Bataille (1985) a vontade de nada estaria associada com o desejo de se afastar da temporalidade e do vir-a-ser, já que representa a busca por uma ausência de movimento que seria fruto do medo do destino.

Neste sentido o indivíduo exuberante se opõe ao indivíduo debilitado, porque não se revolta contra a adversidade, porque teria uma postura amorosa de gratidão para com a existência que o blinda contra a condenação da vida (Giacóia, 2013). O que diferencia o indivíduo exuberante do debilitado é que o primeiro aceita e busca a dor como forma de superação, enquanto que o segundo interpreta o sofrimento como algo indesejado que deve ser evitado a qualquer custo (Reginster 2006). Neste sentido a superação do ascetismo e da vontade de nada dependeria de uma reavaliação do sofrimento que deveria deixar de estar associado a um malefício, porque o indivíduo potente agradece e deseja

as dificuldades que a vida lhe impõe. Isso ocorre porque haveria uma diferença de apetite entre o indivíduo enfermo e o indivíduo saudável, já que o primeiro almeja um estado de preguiça e de descanso que seria insuportável para o segundo que almeja exercer a sua força, superando resistências (Reginster 2006).

## 5 | INTERNALIZAÇÃO DA AGRESSIVIDADE

Conforme Marton (1990) a ficção de um sujeito neutro, que controlaria as manifestações da força, tem como objetivo mascarar o fato de que seria a fisiologia obstruída do decadente que o impede de ter força o suficiente para agir neste mundo. Neste sentido a incapacidade de dominar e de fazer valer a própria vontade não é livremente escolhida, porque de fato seria fruto de um enfraquecimento da libido, ou da fisiologia. A ficção do sujeito neutro tem como principal função domesticar e enfraquecer os indivíduos exuberantes, fazendo com que seu sadismo seja revertido em direção a si mesmo. Será justamente a ficção de um sujeito neutro subjacente que permitirá ao homem do ressentimento separar a força de sua manifestação. Conforme a Genealogia da Moral aforismo 13 (Nietzsche, 1998, p.36):

“exigir da força que não se manifeste como força que não seja uma vontade de subjugar, uma vontade de abater, uma vontade de dominar, uma sede de inimigos, resistências e triunfos, é tão absurdo quanto exigir da fraqueza que se manifeste como força (...) a moral do povo discrimina entre a força e as expressões da força, como se por trás do forte houvesse um substrato indiferente que fosse livre para expressar ou não a sua força.”

Esta ficção é importante porque passa a ilusão de que o fisiologicamente debilitado é livre para ser forte, assim como o fisiologicamente exuberante seria livre para ser fraco, de forma que a fraqueza passa a ser entendida como uma virtude e a força como uma crueldade que deve ser evitada. Conforme Marton (1990) o fato de o forte ser livre para ser fraco, faz com que o mesmo seja responsável pela maneira como age no mundo, de forma que sob égide da responsabilidade o mesmo possa ser punido pelas suas ações.

Seria somente pela figura fictícia do sujeito que controla as suas ações que a moral pode realizar uma internalização da agressividade que domestica a espécie humana. O objetivo é fazer com que a agressividade e a dominação deixem de se manifestar no mundo exterior e passem a se efetivar no âmbito psíquico, fazendo com que a tendência sádica que existe no ser humano se transforme em masoquismo (Freud, 2015). Este processo será tido como o ápice do processo civilizatório conforme Mal-Estar na Civilização (Freud, 2015, p.77):

“Quais os meios que a civilização utiliza para inibir a agressividade que se lhe opõe, torná-la inócua ou, talvez, livrar-se dela? (...) Sua agressividade é introjetada, internalizada; ela é, na realidade, enviada de volta para o lugar de onde proveio, isto é, dirigida no sentido de seu próprio ego. Aí, é assumida por uma parte do ego, que se coloca contra o resto do ego, como superego, e que então, sob a forma de ‘consciência’, está pronta para pôr

em ação contra o ego a mesma agressividade rude que o ego teria gostado de satisfazer sobre outros indivíduos, a ele estranhos.”

O trecho acima remete ao masoquismo moral descrito por Freud (1995) no qual o indivíduo tira prazer em provocar sofrimento a si mesmo, já que a impossibilidade da crueldade se desaguar no mundo faz com que o superego se torne demasiadamente sádico e o ego excessivamente masoquista. A tensão entre o superego e o ego produz o sentimento de culpa que gera uma necessidade de punição, que para Nietzsche seria um desejo do indivíduo de agredir a si mesmo. Neste sentido o objetivo da civilização seria justamente o controle do instinto de agressão, fazendo com que a crueldade seja ‘internalizada’, o que, por sua vez, enfraquece e domestica os seres humanos.

Ao fazer com que o instinto agressivo seja internalizado, o processo civilizatório produziria um ‘adoecimento do animal de rapina’, minando a sua vitalidade. Segundo Reginster (2006), o ascetismo também teria como objetivo a internalização da vontade de dominação, porque ao invés de existir um inimigo externo que deve ser sujeitado, existiria um adversário interno que deve ser fortemente controlado. Neste sentido o instinto agressivo que visa dominar o ambiente externo deve ser revertido para a interioridade do indivíduo, fazendo com que uma parte da psique exerça um forte controle sobre outra.

Conforme Marton (1990) o objetivo tanto do ideal ascético como da civilização é fazer com que a afirmação da vontade seja entendida como um mal, de modo que tanto a renúncia como a resignação sejam caminhos para beatitude. Reginster (2006) irá mostrar que a condenação do sofrimento é um elemento central do ideal ascético e conseqüentemente da condenação da vontade, porque o seu objetivo será justamente eliminar a dor do mundo. Conforme Nietzsche (1998, p. 119):

“a mitigação do sofrimento, consolo de toda espécie – isto se revela como seu gênio mesmo; com que inventividade compreendeu ele sua tarefa de consolador. O cristianismo, em especial, pode ser considerado um grande tesouro dos mais engenhosos meios de consolo, pelo tanto de aliviador, mitigador, narcotizante que há nele acumulado, pelo tanto de perigoso e temerário que arriscou para este fim, pelo modo sutil, refinado, meridional-refinado com que intuiu sobretudo os afetos estimulantes com que pode ser vencida a funda depressão.”

Neste sentido a vontade de potência visa justamente superar a condenação do sofrimento feita pelo ideal ascético, já que sob esta outra chave de leitura a felicidade estará intimamente associada a superação de resistências que causam sofrimento. Assim sob a égide da vontade de potência, alegria e sofrimento estariam indissociáveis, já que a felicidade seria fruto do desaguamento dos instintos agressivos que visam superar obstáculos que causam dor (Reginster, 2006).

## 6 | CONCLUSÃO

A filosofia de Nietzsche implica em uma mudança radical de ótica, já que rompe com

as religiões e filosofias ascéticas que teriam como ponto de partida o mal-estar, visto que sob a égide da vontade de potência a felicidade deve se dar na realidade imediata do indivíduo e não pode jamais ser construída através de atitudes como a renúncia (Birault, 1956). Para o comentador é neste sentido que haveria uma diferença entre o homem fisiologicamente debilitado que prepara a sua felicidade e o indivíduo exuberante que é eternamente feliz tanto nas situações boas como nas difíceis. Neste sentido o mal-estar seria fruto de uma fisiologia mal constituída, de forma que a capacidade de afirmar a existência diante das dificuldades depende de uma certa constituição psicofisiológica. Por conta disso, a filosofia de Nietzsche rejeita a tese de que seria possível sair de uma situação de tristeza para uma condição de felicidade, já que o bem-estar deve ser um estado inerente ao ser humano. (Birault, 1965).

A reinterpretção da vontade seria o elemento constitutivo desta mudança de perspectiva, já que reverte a posição defendida por Schopenhauer de que a vontade seria fruto da privação e que, portanto, estaria associada ao sofrimento. Isso, por sua vez, acaba por invalidar a recomendação ascética de que a vontade deve ser mortificada para que seja possível atingir a libertação. Para esta nova perspectiva a vontade advinda da alegria e do bem-estar deve ser santificada, ao passo que as volições associadas à miséria e à falta devem ser condenadas (Birault, 1965). Quando a volição pode ter como origem o bem-estar, se supera a vontade de nada presente no ideal ascético, porque se altera a forma como o ser humano deseja tanto as coisas boas como as ruins.

Ao superar a associação entre vontade e privação, produz-se o que Nietzsche chama de ‘nada querer’ em que o ser humano passa a ter uma posição de gratidão pela existência, suplantando o desejo ascético de ser e estar em outro lugar. Será justamente o nada querer que permitirá transformar o niilismo da fraqueza em um niilismo da força, já que para Lowith (1969) o niilismo da fraqueza seria um sintoma de decadência e de nojo perante a existência, fruto da condenação do sofrimento pelo ideal ascético. O niilismo da força, por outro lado, seria o primeiro sinal de recuperação da força e da vontade de existir, ao alterar a forma como o indivíduo entende a relação entre vontade e sofrimento. A superação do niilismo da fraqueza somente será possível para aqueles que forem capazes de processar uma alteração na essência da vontade em que o “tu deves” da fé cristã, se transforma no “eu quero” que por fim se transmuta na vontade de um destino, em que a necessidade passa a ser livremente desejada (Lowith, 1969).

A transformação da vontade faz com que o tradicional “eu quero” se transforme no “eu sou”, em que o indivíduo almeja que tudo seja exatamente como foi. O desejo de destino na filosofia de Nietzsche superará a vontade de nada do ideal ascético, porque o nada querer implica na vontade de que tudo ocorra da mesma forma, aceitando e amando a vida tal como ela se manifesta. Conforme Birault (1959, pg. 27) a reforma da vontade proposta por Nietzsche faz com que o homem se reconcilie com a realidade e se sinta feliz com que o se é na brevidade do instante que passa, não exigindo mais nada de diferente.

Nesta interpretação o nada querer se transforma no amor pelo destino, em que o sujeito exalta os sofrimentos e as felicidades que a vida lhe concede, porque estes formariam a sua personalidade (Nehamas, 1985).

## REFERÊNCIAS

BATAILLE, G. **Visions of Excess**. Translated by Allan Stoekl. University of Minnesota Press: 1985.

BIRAULT, H. De la Beatitude chez Nietzsche. **Colloque de Royaumont Nietzsche**. Fondation Royaumont: Paris, 1967.

FREUD, S. Além do Princípio de Prazer. **Livro XVIII - Obras Psicológicas de Sigmund Freud**. Editora Imago: 1996.

FREUD, S. The Economic Problem of Masochism. In. **Essencial Papers on Masochism**. Translated by Margaret Ann Fitzpatrick Hanly. New York University Press: New York, 1995.

FREUD, S. **O Mal-Estar na Civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume XXI. Editora Imago: Rio de Janeiro, 2015.

GIACÓIA JR., O. Modernidade e Economia Pulsional: para uma Psicofisiologia do Excesso. **IDE**, vol. 35, no. 55, São Paulo, jan. 2013.

LEITER, B. **Nietzsche on Morality**. 2 ed. Routledge: New York, 2015.

LOWITH, K. **De Hegel à Nietzsche**. Traduit par Rémi Laureillard. Éditions Gallimard, 1969.

MARTON, S. **Nietzsche das Forças Cósmicas aos Valores Humanos**. 1 ed. Editora Brasiliense: São Paulo, 1990.

NEHAMAS, A. **Nietzsche: Life as Literature**. Harvard University Press: Cambridge, 1985.

NIETZSCHE, F. W. **Crepúsculo dos Ídolos**. Tradução Paulo César de Souza. Companhia das Letras: São Paulo, 2012.

NIETZSCHE, F. W. **Genealogia da Moral uma Polêmica**. Tradução Paulo César de Souza. Companhia das Letras: São Paulo, 1998.

NIETZSCHE, F. W. **A Gaia Ciência**. Tradução Alfredo Margarido. 6 ed. Guimarães Editores: Lisboa, 2000.

REGINSTER, B. **The Affirmation of Life: Nietzsche on Overcoming Nihilism**. Harvard University Press: Cambridge, 2006.

SCHOPENHAUER, A. **Dores do Mundo**. Editora Pub Brasil: 1960.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

África 114, 115, 117, 119, 123, 124, 129, 130, 163

Annales 9, 63, 96, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 124

Autoridade 1, 26, 28, 66, 129, 130

### B

Bakuba 114, 117, 119, 120, 121

Baluba 114, 119, 120, 121

Biografia 61, 64, 70, 105, 111

Bonpland 58, 61, 62, 63

Brasil Industrial 7, 9, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 179, 181, 182

### C

Casamento 1, 2, 3, 5, 6, 7, 10

Cidadania 7, 9, 28, 31, 66, 76, 81, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95

Colonização 7, 8, 1, 2, 13, 100, 105, 141, 142, 143, 151

Cultura Política 64, 65, 73

### E

Eduardo Suplicy 7, 9, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94

Esquecimento 8, 44, 58, 59, 60, 61, 63, 75, 77, 83, 137

Europa 3, 23, 24, 25, 27, 30, 31, 32, 33, 34, 51, 62, 81, 98, 99, 101, 108, 129, 130, 154, 155, 163

### F

Fábrica 73, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 181, 182

Família 1, 2, 5, 6, 10, 17, 50, 51, 55, 65, 91, 92, 121, 122, 148, 151, 161, 174

Famílias Livres 8, 12, 15, 18, 20

Frederick Starr 7, 9, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 121, 124

### G

Gastronomia 9, 153, 160, 163, 164

Gustavo Barroso 7, 8, 64, 68, 72

### H

História 2, 7, 1, 10, 14, 21, 26, 49, 50, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 80, 82, 85, 86, 93, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105,



106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 116, 117, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 153, 154, 157, 159, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 177, 182, 183  
Historicismo 9, 96, 97, 99, 102, 103, 109, 111

## I

ideal ascético 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47

Identidade 9, 26, 30, 31, 64, 65, 68, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 82, 83, 84, 94, 96, 105, 137, 140, 146, 150, 168, 170, 181

Iluminismo 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 154

Integração 8, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 52, 83, 89, 142

Intelectual 9, 49, 50, 55, 68, 69, 86, 87, 88, 89, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 101, 105, 107, 109, 110, 112, 127, 133, 134, 155, 161

## L

Lei 7, 8, 6, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 61, 79, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 142, 148, 160, 168

## M

Memória 7, 8, 8, 58, 59, 60, 61, 63, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 106, 153, 164, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 177, 181

Mestiçagem 1, 6, 7, 8, 9

Militares 32, 64, 68, 70, 81, 83, 148

## N

Nacionalismo 7, 64, 67, 72, 151

Nada 6, 16, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 47, 48, 55, 122

## O

Ocupação Territorial 12, 20, 141

## P

Paracambi 7, 9, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 176, 177, 181, 182

Patrimônio 9, 13, 69, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 85, 116, 125, 126, 127, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 166, 167, 170, 171, 172, 173, 177, 181

Pobres 7, 8, 12, 15, 16, 18, 20, 21, 89, 155, 156

## Q

Querer 35, 38, 39, 40, 41, 47, 48, 136

## R

Razão 4, 5, 36, 39, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 65, 73, 87, 94, 101, 155

Recife 7, 9, 12, 85, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165

## S

Senador 7, 9, 86, 87, 90, 91, 92, 93, 94

Sérgio Buarque de Holanda 7, 9, 96, 98, 99, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112

Sociabilidades 9, 65, 86, 88, 124, 153, 160, 161, 162, 163, 164

Sociedade Civil 34, 49, 51, 53, 89

Sufrimento 7, 8, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47

## T

Tempo 8, 2, 10, 14, 15, 21, 44, 51, 53, 55, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 77, 97, 99, 101, 106, 107, 112, 117, 120, 126, 135, 138, 140, 150, 154, 158, 162, 168, 169, 170, 172, 173

Terras 7, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 79, 98, 103, 115, 119, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 137, 138, 141, 142, 143, 144, 148, 149, 158, 169

Tolerância Religiosa 49

## U

União Europeia 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34

## V

Voltaire 7, 8, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57

Vontade 4, 27, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 99

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**